

Editorial

Editorial

A excitada sociedade do espetáculo em tempos de pós-verdade e os - sonhados - dias de pós-pandemia: literatura e escrita literária

Uma das principais tarefas sobre as quais o pensamento filosófico se ocupa desde Tales de Mileto (624 a.C. - 546 a.C.) é a de estabelecer reflexões que sejam capazes de explicar diferentes fenômenos (naturais e sociais) de forma a superar as crenças mediadas pelos valores pessoais e pelos mitos. Contudo, faz-se necessário admitir - não sem algum embaraço - que, nos últimos anos, temos experimentado um recrudescimento do uso de crenças e desejos individuais e/ou da *Doxa* como validador básico do que pode ser tido como verdade ou, ao menos, como “verdade na pós-verdade” [1]. Afinal, como antecipou Guy Debord meio século atrás, no “[...] mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento do falso” [2]. E é disso que a sociedade descrita por Christoph Türcke [3] como *excitada* tem cuidado: de capilarizar e universalizar o caráter recíproco de alienação (ou de falseamento da realidade) que a sociedade moderna e o espetáculo exercem entre si, seja pelo aparato

4

¹ LOUREIRO, Robson; GONÇALVES, Emerson Campos. (Semi)formação no contexto das fake news e da pós-verdade na sociedade excitada - de Adorno a Türcke. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, 2021.

² DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

³ TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

tradicional da indústria cultural (os *mass media*), seja pelas novas e múltiplas conexões - sem fios ou limites geográficos - que o aparato “pós-midiático” impõe.

É necessário ponderar que no centro dessa condição não está uma crise ideológica, mas antes o resultado da radicalização neoliberal que foi promovida como resposta ao colapso do próprio modo de produção capitalista. Em outras palavras, da elevação às últimas consequências do modelo que, *ab origine*, pauta-se na crença (arrogante e limitada) de que a natureza foi dominada a tal ponto que a empiria cheira à obsolescência, podendo o homem, senhor da natureza, impor as suas próprias verdades. Acontece que, como lembra Türcke em seu mais recente livro, *Natur und Gender: Kritik eines Machbarkeitswahns* ^[4], tão logo o homem acredita ter dominado a natureza, essa se encarrega de lhe mostrar que ele é parte indissociável dela. E é nesse contexto que surge (e perdura) a pandemia de Covid-19, responsável por demonstrar - com muita dureza - que a arrogante negação do pensamento científico e da realidade à qual o espetáculo capitalista se associou pode se converter numa barbárie sem precedentes na história da Humanidade. Não se trata, obviamente, de enfatizar qualquer crença que aponte para um suposto revanchismo da natureza, mas de encontrar nos fatos empíricos indícios que nos permitem inferir que, em tempos de pós-verdade, o avanço da excitada sociedade do espetáculo pode agravar cenários já extremos, como o de uma pandemia.

Destarte, faz-se urgente discutir os caminhos que serão percorridos nos - sonhados - tempos pós-pandêmicos. E, para isso (para imaginar o porvir), nada mais adequado do que voltar a nossa atenção para aquilo que a literatura tem produzido como reflexão sobre a excitada sociedade do espetáculo desde a sua gênese, ainda na primeira metade do século XX. Afinal, ao contrário do negacionismo produzido pela pós-verdade, que necessita da roupagem de absoluto para disfarçar seu desencontro com o mundo real, a literatura, ao

⁴ TÜRCKE, C. *Natur und Gender: Kritik eines Machbarkeitswahns*. München: C.H. Beck Verlag, 2021.

assumir possibilidades de experiência e imaginação que extrapolam a realidade referente, potencializa-se e reforça os seus lastros e vínculos dialéticos com a sociedade, permitindo vislumbrar os dias que buscamos (ou não) construir. É disso que trata este dossiê (nº 42) da Revista Contexto, da possibilidade de refletir, por meio de artigos que analisam a literatura e a escrita literária na excitada sociedade do espetáculo, sobre o passado, o presente e o amanhã. Logo, em suas linhas e entrelinhas, todos os artigos desta coletânea perpassam de alguma forma debates que abarcam o espetáculo e os seus reflexos na vida humana (seja a partir do modelo econômico de produção, da construção de símbolos ou da própria escrita literária).

Já no primeiro trabalho, Vinícius Carvalho e Marcelo Ferraz de Paula analisam o conto *O Versificador*, de Primo Levi, no qual se apresentam, de forma irônica e lúcida, questões relativas à relação entre poesia e humanidade com foco em um controverso dispositivo técnico que ocupa o centro do argumento no texto: o versificador. No enredo, tal tecnologia objetiva realizar a produção automática de versos. Na análise, os autores destacam as problemáticas relativas à autoria, ao sentido e à função da poesia quando se aventa a hipótese ficcional de um autômato versificador substituir a atividade criadora de poetas humanos - algo que parece bem próximo da realidade hodierna.

No segundo artigo, Fabio Akcelrud Durão e Mariana Toledo Borges realizam uma leitura da principal obra de Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*, à luz dos conceitos marxistas de *alienação*, *fetichismo da mercadoria* e *reificação* - este último proposto por Georg Lukács. Com isso, os autores tomam Debord como um dos intérpretes do marxismo que, juntamente com o filósofo húngaro, é um importante precursor das conclusões teóricas da tendência contemporânea denominada crítica do valor (*Wertkritik*).

O debate sobre a obra de Debord se estende também pelo terceiro artigo, *La sociedad del espectáculo se ve por aquí: relaciones y derivas entre el Situacionismo y Nuno Ramos*, onde Marco Antonio Ojeda e Luciana Irene Sastre

buscam, a partir do Situacionismo e da noção de espetáculo, estabelecer alguns pontos de diálogo com a obra de Nuno Ramos.

No quarto texto, ainda partindo da *sociedade do espetáculo*, a análise se aproxima com a questão da memória na literatura. Em *Drummond e o escritor modernista: a memória sem espetáculo*, Sandro Roberto Maio discute a década de 1950, onde, frente à incipiente sociedade do espetáculo, o escritor Carlos Drummond de Andrade (assim como outros escritores de sua geração) se volta para o debate e a elaboração de livros de memórias. A partir desse contexto, o artigo busca observar e refletir sobre como a construção literária mediada pela ideia de memória acaba por ser uma forma de combate aos novos objetos de exposição da *modernidade universalizante*.

Já no quinto artigo do dossiê, *Dialética da Ponte*, Natan Schmitz Kremer e Alexandre Fernandez Vaz partem do conceito de imagem dialética desenvolvido por Walter Benjamin para analisar o roteiro do longa-metragem *O Preço da Ilusão*, escrito por Salim Miguel e Eglê Malheiros na Florianópolis da década de 1950, cuja escrita se situa dentro de um empreendimento modernista que se desenvolveu na cidade a partir dos anos 1940, respondendo ao boom modernizador que acometia a capital de Santa Catarina.

O pensamento benjaminiano também aparece no sexto trabalho do dossiê, onde Juliana de Castro Chaves e Maíra Braga Adorno Dourado lembram que, no contexto da sociedade excitada permeada pela efemeridade da produção flexível, faz-se fundamental problematizar a substância da literatura: a formação humana. Assim, discutem a relação entre literatura e formação humana a partir de Theodor W. Adorno e Walter Benjamin, que, embora apresentem diferenças teóricas, contribuem para a análise da literatura em seus aspectos formativos, sendo essa concebida como uma produção da cultura, uma expressão da arte que, em sua imanência, já traz tensões entre experiência e o todo social, carregando na sua forma estética possibilidades de experiências formativas voltadas para o processo de humanização.

Por fim, direcionando o debate sobre a formação mediada pela literatura para a Educação Infantil, Sandra Aparecida Pires Franco e Fernanda Graciele

Bispo Ribeiro analisam como a leitura literária é trabalhada pelos professores desse segmento, sobretudo a partir do estudo do acesso aos livros de literatura infantil, fundamentando a pesquisa no materialismo histórico-dialético. Em suas conclusões, as pesquisadoras reforçam o papel da leitura literária como instrumento de ampliação e apropriação dos conhecimentos acumulados que irá contribuir para que a criança sinta a necessidade de ler e escrever e apontam para a necessidade de políticas públicas que invistam na aquisição de livros para o professor trabalhar o contexto literário.

Com esse conjunto de artigos, espera-se fomentar um debate que extrapole as fronteiras da literatura e da escrita literária como mero objeto de análise, isto é, que tome a própria literatura e os textos aqui reunidos como caminho para uma reflexão que condicione a construção de um outro projeto de sociedade, com interesses e objetivos diferentes daqueles predominantes na atual e excitada sociedade do espetáculo.

Desejamos que tenha uma proveitosa - e frutífera - leitura!

Vitória, 13 de dezembro de 2022.

Emerson Campos Gonçalves (FAMES)
Robson Loureiro (UFES)
Wécio Pinheiro Araújo (UFPB)